

A REPRESENTAÇÃO DA VOZ FEMININA NAS PERSONAGENS CENTRAIS DE
AUSTEN EM *EMMA* E *ORGULHO E PRECONCEITO*

Mara Regina Pacheco

PG/UEMS

Fernandes Ferreira de Souza

UEMS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo estudar a questão da representação da ‘voz feminina’ da ‘voz da mulher’ dentro da Literatura, neste caso específico, a Inglesa, acompanhando a evolução da mulher e luta para conquista de seu espaço, em duas das obras da escritora Jane Austen: *Orgulho e Preconceito*, e *Emma*. O suporte teórico do foco da pesquisa encontrado em estudiosos da ‘voz feminina’ como Kaplan, Evans, Showalter, Steeves e outros, darão base sólida ao desenvolvimento do trabalho proposto: mostrar a representação de uma ‘identidade feminina’, da ‘voz da mulher’ por meio das personagens criadas, retratadas, descritas por Austen na sociedade vitoriana do período Romântico Inglês, e quais os meios que a escritora usa para fazê-lo.

Palavras-chave: Literatura Inglesa, Jane Austen, voz feminina.

ABSTRACT: *This paper aims to study the issue of representation of the ‘female voice’ of the ‘voice of women’ into the literature, more specifically, the English, following the evolution of women and fight for his conquest of space, in two of the works writer Jane Austen: Pride and Prejudice, and Emma. The theoretical support of the outbreak of search found in the scholars ‘female voice’ as Kaplan, Evans, Showalter, Steeves and others, will provide solid foundation for the development of the proposed work: show the representation of a ‘female identity’ the ‘voice of women’ through the characters created, portrayed as described by Austen Victorian society in the English Romantic period, which means that the writer uses to do so.*

Key-words: English Literature, Jane Austen, female voice.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo mostrar como a escritora inglesa Jane Austen manipula meios para fazer surgir uma “voz feminina” raramente ouvida na sua época, através de duas de suas obras intituladas *Emma* e *Orgulho e Preconceito*, onde os temas e personagens são constituídos com uma visão feminista à frente de seu tempo. Ela escreve com um julgamento crítico de sua própria condição social e questionamento da filosofia da época sobre a situação das mulheres.

Uma das razões de Jane Austen ser uma escritora feminista é que ela valoriza o lugar da mulher na vida doméstica. Além disso ela retrata mulheres capazes de agir independentemente contra o sistema patriarcal. Deborah Kaplan (1992) fala sobre a

representação da independência feminina de Austen contra a imagem patriarcal da sociedade. Ela afirma que especialmente em *Orgulho e Preconceito*, a senhorita Austen cria Elizabeth Bennet como uma reflexão da atividade feminina em resposta às ideologias do poder patriarcal. Uma vez que Elizabeth tem convicção de sua opinião, ela se mantém firme nos diálogos. Assim Kaplan (idem) afirma: “para transmitir conhecimento da desigualdade sexual, sutilmente manifesta sua expressão de deslealdade, a heroína fala com voz feminina” (p. 189). O que ela define como voz feminina pode ser observado na rebeldia e não convencional falar das heroínas de Austen. Representar a “voz feminina” é uma maneira de identificar o lugar da mulher na sociedade. A voz feminina é a expressão da experiência e visão feminina, que é o reflexo da “identidade feminina”, e a melhor maneira de expressar a auto-sensibilização feminina é através da literatura. Assim, a voz feminina é estabelecida ao construir seu papel de consciência própria contra o sistema patriarcal. A voz feminina; a identidade feminina não é tão aparente no texto, mas os leitores freqüentemente descobrem a voz feminina obscurecida. Ou seja, eles tendem a considerar a voz feminina profunda como algo mais significativo do que o que é visto na superfície do texto. Assim, Austen atinge um nível de conceitualização de heroína em diferentes perspectivas morais dentro do quadro das relações sociais. Austen constrói seus personagens com precisão a fim de divulgar a plena expressão de sua voz feminina. A consciência da identidade feminina de Austen é perfeita pela sua manipulação da sátira, ironia, e trabalho de comédia. Ela constrói a consciência de suas heroínas, principalmente ao deixá-las ‘rir’. De acordo com Gabriela Castellanos, as heroínas de Austen não se rebelam claramente contra os mandos sociais. Ao invés disso, fazem algo mais revolucionário, riem, zombam. Uma estrutura de romance no qual a heroína pode rir da construção idealizada da sociedade (1994, p.47). Ela lida com as ironias da linguagem que podem ser encontradas entre as linhas dos diálogos. Com a ajuda da ironia da linguagem ela ataca pressupostos da sociedade que comumente envolvem uma visão tradicional cultural sobre a mulher. Sua ironia produz riso. Por exemplo, em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth Bennet defende sua necessidade e direito de rir. Similarmente, Emma não somente faz os outros rirem como ri de si própria ao fazer piadas sobre sua personalidade. Ambos os risos, de Elizabeth e Emma são a expressão de felicidade e grande prazer. O riso nos romances

de Austen é apresentado através de uma série de ironias entre a excelência moral e social da protagonista feminina e a situação social no qual a mulher não pode ter papéis, elas são capazes de representar.

Os dois romances de Austen, *Orgulho e Preconceito* e *Emma* são excelentes exemplos de como alegremente Austen recusa o silêncio e posição da mulher na sociedade. Com a ajuda da questão do sujeito e estilo desses dois romances, Austen questiona o lugar do homem e mulher na sociedade. A autora estabelece um nível de ironia utilizando convenções inglesas do dia-a-dia como recurso do seu romance, tais como lugar econômico e educacional da mulher. Além de criar personagens que refletem cada faceta da sociedade ou das convenções daqueles dias. Portanto, questões sobre a passividade da mulher têm papel significativo nos diálogos que incluem discurso irônico. Uma das dificuldades das mulheres naqueles dias era conseguir um marido para obtenção de poder social, o que implica dizer que o casamento no século XVIII era uma necessidade econômica para as mulheres. Assim, não era uma questão romântica ou de escolha pessoal. De acordo com Mary Evans, Austen nos seus romances toma dois passos importantes em direção à visão feminista moderna sobre o casamento. Primeiro ela questiona a necessidade do romance clichê e depois aponta várias vezes que o casamento é um contrato social e material (1987, p. 46).

Evans testifica que o que difere Austen das escritoras da época contemporânea é que ela não foca na idéia de que as mulheres podem educar a si próprias para se tornarem iguais aos homens, e sim ela está sugestionando às mulheres que, como o homem elas devem encontrar um jeito de serem únicas na vida e obter autonomia pessoal de pensamento e escolha, em outras palavras, passarem a ter ‘voz’ própria (1987, p. 53).

COMÉDIA E IRONIA EM AUSTEN

Nos seus romances Austen lida com as noções do século XVIII inglês sobre o lugar e o valor da mulher da classe média. Com sua talentosa linguagem irônica e vivaz observação da vida, ela satiriza com convenções diárias da época na desvalorização da identidade feminina. De acordo com Harrison Steeves a admirável ‘voz da mulher’ é a

voz de Jane Austen. Com a ajuda do humor irônico de Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse, a percepção cômica de Austen atinge seu pico. A estrutura do enredo de Austen aborda seus problemas e os resolve do ponto de vista das mulheres; seus pensamentos, seus sentimentos e seus interesses (1966, p. 372). Austen manipula os tabus da época com uma linguagem irônica com o objetivo de refletir o paradoxo da auto-estima feminina. Como resultado, elementos da sátira como o humor e a comédia desenvolvem um indispensável papel nos romances de Austen uma vez que essa era a melhor maneira de imitar as convenções sociais da época.

O PAPEL DA COMÉDIA:

Podemos dizer que os romances de Austen têm um estilo cômico comum. Para refletir a voz feminina nas suas obras ela dirige a atenção do leitor para as más impressões da época sobre a desvalorização da identidade feminina utilizando elementos da comédia. Por exemplo o casamento, tem lugar importante no seu trabalho porque no tempo de Austen esse era uma problema de alinhamento e construção material. Vivien Jones descreve este ponto como:

Os romances de Jane Austen são comédias românticas. Ou seja, elas são histórias de amor com finais felizes. 'Comédia' aqui não é somente usada para sugerir algo que faz rir, embora os romances de Austen geralmente façam isso também, mas como o oposto da 'tragédia'. Em outras palavras, descreve uma positiva visão celebrativa da vida, representando felicidade e ideais. Os romances de Austen são frequentemente comparados com as comédias de Shakespeare. Sendo familiar como uma delas percebe-se que terminam de maneira semelhante, com casamentos simbolizando reconciliação e harmonia (1997, p. 50).

Conseqüentemente, uma das razões da popularidade dos romances de Austen é seu senso de comédia. *Orgulho e Preconceito* é um romance cômico pelo modo como a escritora organiza sua obra de acordo com confusões bem-humoradas da vida. Por essa razão Steeves afirma que *Orgulho e Preconceito* é um romance tido como a 'comédia de maneiras', a 'comédia dos caracteres' (1996, p. 343-344). Steeves faz uma observação que a comédia de *Orgulho e Preconceito* reside na sua estrutura e, desde que a história tem uma direção moral, a comédia é um meio de julgamento moral. A preocupação de *Orgulho e Preconceito* é com pessoas de conduta ultrapassada que

fornece uma razão para o novo termo descritivo ‘ romance de sátira social’ (1996, p. 345).

Novamente em *Emma*, o ponto de foco são os erros dos seres-humanos que são refletidos através da heroína do romance. É óbvio que Emma comete muitos erros continuamente e ela trata de várias más interpretações sobre os outros e sobre ela mesma. Austen narra sistematicamente como uma pessoa que não tem suficiente educação e confiança pode vir a tomar decisões erradas na vida. Porém a busca de Emma por sua identidade transforma-se em uma comédia para os leitores devido às suas falhas, mas sempre com julgamento espirituoso. Em outras palavras, as inadequações de Emma e seus rumores adicionam um papel cômico ao romance. Castellanos faz uma explicação adicional:

Emma pensa que Sr. Elton está cortejando Harriet, enquanto o Sr. Elton pensa que Emma está o encorajando a ser o pretendente dela. Sr. Knightley pensa que Emma ama Frank mas o Sr. e a Sra. Weston pensam que Emma e Frank estão apaixonados, e até Jane Fairfax pensa que Emma está unida a Frank enquanto o tempo todo Emma espera que Frank se apaixone por Harriet. Durante um visita rápida, Emma pensa que Frank está insinuando seu amor por ela, enquanto Frank pensa que Emma descobriu que ele é apaixonado por Jane Fairfax. Emma por fim pensa que Harriet ama Frank, enquanto Harriet pensa que Emma sabe que ela está apaixonada pelo Sr. Knightley (1994, p. 193).

Não obstante, Emma não é a única personagem que comete erros no romance. Outros personagens como o Sr. Woodhouse e Sr. Knightley tem opiniões enganadas sobre outras coisas de tempo em tempo. Contudo, os erros e más interpretações dos outros personagens no romance são realmente importantes para Emma, a heroína, à medida que servem na busca da identidade de Emma.

No processo de exploração de suas heroínas, Austen aplica humor e os elementos da comédia tal qual ferramentas para entreter e fazer rir. O primeiro capítulo de *Orgulho e Preconceito* mostra a batalha verbal entre um dos personagens ridículos do romance, a Sra Bennet que atua como uma tola com seu indiferente marido, o Sr. Bennet. A conversa que acontece no romance revela muitas dicas sobre a construção da sociedade e suas regras: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro na posse de uma bela fortuna deve estar necessitando de um esposa” (p. 13). Novamente Castellanos observa que as declarações ironicamente combinam com o ponto de vista dos pais caçadores de fortuna conjugal para suas filhas, no tempo de

Austen (1994, p. 120). Depois disso o Sr. e a Sra. Bennet falam sobre a chegada do Sr. Bingley na vizinhança:

- _ Pois saiba meu caro, que, pelo que a Sra. Long me disse, Netherfield foi alugado por um jovem de grande fortuna, proveniente do norte da Inglaterra. Chegou na segunda-feira, em uma carruagem puxada por quatro cavalos, para visitar o local, e ficou tão encantado que logo aceitou as condições do Sr. Morris. Ocupará a casa antes do dia de São Miguel e alguns de seus criados deverão chegar já no fim da próxima semana.
- _ Como se chama ele?
- _ Bingley.
- _ É casado ou solteiro?
- _ Oh, solteiro naturalmente, meu caro! Um homem solteiro e de grande fortuna, com rendimentos no valor de 4 ou 5 mil libras anuais. Que coisa maravilhosa para nossas filhas!
- _ Como assim? Em que isso poderá afetá-las?
- _ Meu caro Sr. Bennet – retorquiu sua mulher -, que enfadonho o senhor é! Sabe perfeitamente que estou pensando em o casar com uma delas.
- _ Será essa a intenção dele ao vir instalar-se aqui?
- _ Intenção! Que disparate é esse que está dizendo! É bem possível que ele se apaixone por uma delas, e exatamente por isso o senhor deve ir visitá-lo logo que ele chegue. (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 13-14)

O diálogo entre o Sr. e a Sra. Bennet reflete a atitude da sociedade sobre o casamento inglês do século XVIII. O Sr. Bennet repetidamente finge ignorar a convenção social e a Sra. Bennet insiste que ele as obedeça. Contudo a Sra. Bennet precisa persuadir seu marido a visitar o Sr. Bingley porque pela convenção vigente, a mulher não pode dar início a um relacionamento social. Assim o diálogo continua: “Pois como sabe, não é costume visitarem recém-chegados. O senhor não pode deixar de ir, pois será impossível a nós irmos visitá-lo sem sua ida prévia” (*Orgulho e Preconceito*, p. 14). De acordo com Castellanos, a Sra. Bennet atua como uma tola individualista e representa o papel da ‘palhaça’ cujas declarações levam os leitores a questionar determinados códigos sociais e linguagem (1994, p. 121). No final do capítulo, Austen faz mais um comentário sobre o personagem do Sr. Bennet como: “Um misto tão extraordinário de vivacidade, sarcasmo, reserva e capricho que a experiência de vinte e três anos não bastara ainda para a mulher compreender seu caráter” (2006, p. 15). Assim a Sra. Bennet é refletida como uma tola que nem a o menos pode entender seu próprio marido. A Sra. Bennet adere muito mais à idéia de exibir-se pela vizinhança com o intuito de encontrar um marido rico para suas filhas. Conseqüentemente, Austen retrata a Sra. Bennet como “uma mulher de inteligência medíocre, cultura rudimentar e temperamento instável”(*Orgulho e Preconceito*, p. 15).

À parte da Sra. Bennet, Lydia e o Sr. Collins são personagens significativos em *Orgulho e Preconceito* respeitando seus papéis como estereótipos da época, isso porque a Sra. Bennet pelo qual ela ironicamente ri das crenças religiosas sobre o casamento e sobre as mulheres. Lydia Bennet, como sua mãe, comunga das mesmas idiotices somente pensando em encontrar um marido rico. O primeiro e maior objetivo de Lydia é casar-se. Para ela, conversar sobre relacionamento entre homens e mulheres é fonte de grande diversão. No discurso seguinte, apesar de não ver as irmãs mais velhas Jane e Elizabeth por várias semanas, seu primeiro comentário é com o intuito de saber se as irmãs encontraram jovens maridos ricos ou não:

Em primeiro lugar quero ouvir de vocês o que aconteceu desde que eu estive fora. Conheceram algum homem interessante? Flertaram com alguém? Eu estava esperançosa que uma de vocês duas tivesse um marido quando eu regressasse. Jane será uma velha empregada brevemente eu posso afirmar. Ela está com quase vinte e três anos! Meu Deus, que vergonha eu diria, não estar casada antes dos vinte e três!" (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 171).

É óbvio que Lydia não possuía sentimentos nada fraternais pelas irmãs. Ela nem ao menos reconhece quanto sua irmã mais velha Jane está magoada com o insucesso do romance com o Sr. Bingley. Ela provoca Jane dizendo que a irmã está prestes a se tornar uma solteirona não se importando com os sentimentos da irmã. Ela acredita que o casamento é a mais notável realização na vida de uma mulher.

Outra ferramenta usada por Austen é o personagem do Sr. Collins, o único primo de sangue das irmãs Bennet. Ele fala sempre por chavões, por frases clichês, por exemplo, ao propor casamento a Elizabeth que ele nem ama nem conhece, nomeia várias razões para o pedido, mas nenhum com qualquer sinal de ‘amor’:

As razões que me levam a casar são, primeiro, porque considero que um clérigo em situação abastada (como é o meu caso) deve dar o exemplo da harmonia conjugal em sua paróquia. Segundo, porque estou convencido de que, agindo de tal modo, contribuirei grandemente para sua própria felicidade; e terceiro, que eu deveria ter mencionado antes, porque vou desse modo ao encontro do desejo e recomendação especial da nobre senhora a quem eu tenho a honra de chamar *minha protetora*. (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 97).

É óbvio que as palavras que o Sr. Collins profere durante a proposta de casamento demonstra esses chavões ridiculamente, dentre eles, o último argumento que

é ainda mais chocante ao dizer claramente que quer se casar com ela por causa do conselho de sua patronesse, Lady Catherine tê-lo aconselhado a fazê-lo.

Jane Austen coloca na Sra. Bennet e em Lydia a personificação de ‘tolas’ como o resultado da falta de educação de ambas. A autora cuidadosamente designa essas duas mulheres e as escolhe para criticar duas diferentes gerações (mãe e filha) pela falta constante da educação feminina na sociedade. Elas são exemplos, são o reflexo da inadequada educação dada às mulheres na época de Austen. Castellanos faz uma observação:

As atitudes no romance dessas perturbadas fêmeas, Lydia e Sra. Bennet são ambivalentes por serem mostradas como produtos distorcidos de educação errada das mulheres, em contraste com Elizabeth e Jane no quesito atitudes morais e jeito de agir como subversoras da ordem social contrária das mulheres (1994, p. 128).

Também *Emma* é considerada por ser estabelecida na mais madura e detalhada técnica e linguagem, uma vez que ao último romance de Austen é também um romance de crítica social sobre o papel da mulher assim como todos os outros romances da escritora. Portanto, *Emma* e *Orgulho e Preconceito* compartilham das mesmas características artísticas tal como ‘tolos’ e ‘palhaços’ são concebidos. Emma como heroína, é a ‘palhaça’ do romance desde quando tenta definir seu interior através de suas decepções. Ela é uma garota espirituosa que faz o leitor rir de suas maneiras o tempo todo devido à sua imaginação excessiva. Castellanos afirma que a complexidade do universo moral em *Emma* é baseado no contraste entre a posição social subordinada da heroína por causa do seu gênero e sua predominância entre a comunidade da mais alta posição de cidadãos de Highbury em termo de classe social (p. 178). Assim, a personagem feminina que tem poder em casa, mas que perde o poder fora dela produz a ironia no romance. Na verdade, a maior ironia no romance está em Emma tem um poder doméstico e acreditar que esse mesmo poder pode mudar o mundo em sua volta. Isso ao tentar controlar a vida de Harriet e anseios de encontrar um marido ‘adequado’ que Emma aprove. Marvin Mudrick descreve Emma como:

Emma é uma arranjadora, ela é uma controladora das questões amorosas alheias. Acostumada a tomar conta de cada pequeno capricho de seu pai para evitar qualquer possível desconforto, ela estende esse dever para todo o seu ciclo de amizades e vizinhança também (1968, p. 110).

No começo do romance é apresentada como uma jovem mulher representativa de sua classe: esnobe, mal-educada, teimosa e egoísta. Ela só pensa em ascensão social por isso aconselha Harriet a não se casar com o Sr. Martin, uma vez que ele era iletrado, grosseiro, deselegante, rústico e, considerava sua mais nova amiga uma mercedora de melhor cavalheiro:

Que criaturinha afetuosa! Você exilada na Fazenda Abbey-Mill! Você confinada a uma sociedade iletrada e vulgar por toda a vida! Não compreendo como esse jovem teve coragem de pedir-lhe isso. Ele deve ter uma alta opinião sobre si mesmo. (1814, p. 52).

Com essa concepção Emma comete uma série de erros, não somente em relação a Harriet mas outros muitos julgamentos durante todo o romance como por exemplo no caso de achar que Jane Fairfax tem um caso com um homem casado. Ela cria essa desagradável suspeita por achar que Jane possui grandes qualidades, por achá-la mais culta e madura que a si própria que vive num mundo imaginativo criado conforme melhor lhe convém. Alistar Duckworth descreve sua imaginação como:

Primeiro ela tenta igualar Harriet ao Sr. Elton somente pra propô-la ao vigário de Highbury. Tempo depois ela considera Churchill o marido apropriado para Harriet isso por descobrir que esse é o prometido de Fairfaix, e finalmente, ela descobre que estava também promovendo o envolvimento da amiga com o homem que ela própria desejava desposar (1971, p. 150).

Contudo Emma é um personagem redondo, ela muda muito durante o romance mas, no fim ganha visão interior e consciência ao ver-se livre da esnobez que a fazia controlar a vida das outras pessoas. Apesar de tudo, Emma prossegue cometendo erros até o fim do romance e vai aprendendo com eles, e se arrepende quando percebe que não tem direito de interferir na vida dos outros. Por exemplo, quando Harriet declara seu amor por Knightley, Emma confessa que não deveria ter impedido o casamento dela com o Sr. Martin.

O ‘tolo’ do romance é o pai de Emma, Sr. Woodhouse, que perfeitamente simboliza a ‘falta de autoridade’. Ele é cômico ao sentir medo de fazerem dele um velho inativo, e a principal contribuição dele no romance é a necessidade de proteção feito uma criança. Emma é consciente da necessidade do seu pai para si e tenta protegê-lo de todo dano. Isso nos leva a concluir que Emma e o pai inverteram os papéis, e essa

‘mudança’ nos papéis resulta numa ilusão profunda na cabeça de Emma que a faz sofrer de imaginação excessiva sobre a extensão do seu poder.

Em adição aos ‘tolos’ e ‘palhaços’, Austen emprega o riso como uma ferramenta de crítica à sociedade. Nas obras de Austen os leitores são convidados a rir das ironias da conduta social. A escritora usa ainda o riso para dar auto-consciência para a mulher na sociedade, fazendo com que esse riso encoraje as heroínas e leitores a rir. Elvira Casal explica que muitos dos escritores contemporâneos a Austen julgam o riso como vulgar uma vez que é conectado com um certo tipo de desprezo em relação à autoridade ou falta de auto-controle, ou seja o riso feminino é comumente associado com loucura, além do que riso demais torna uma mulher indelicada (2001, p. 01). Ainda, a autora acredita que o poder do riso implica em três diferentes dimensões em *Orgulho e Preconceito*: primeiro ela manipula o riso com um significado de loucura e ridículo que são resultado da inconsistência social. O papel do riso na relação de Elizabeth e Darcy mostra a mudança dos seus personagens enquanto o romance prossegue. No início do romance Elizabeth acha que o riso é uma maneira de comunicação com os outros. Porém ela diz que o Sr. Darcy não é uma pessoa da qual se possa rir, o que considera uma desvantagem por adorar uma boa risada. Lizzy abertamente afirma que rir é muito importante para conduzir uma amizade com uma pessoa, sendo assim acredita que isso é impossível com uma pessoa como Darcy que parece mal-humorado e sério. Contudo, no final do romance ambos os amantes descobrem a verdade natural do riso. Elizabeth aprende a rir sem preconceito e Darcy ganha senso de humor. Austen usa o riso em outro contexto para refletir o nível de educação da mulher na sociedade. É óbvio que o riso de Lydia exibe um sinal de insensatez, assim o riso dela é diferente do de Elizabeth porque Austen usa nela o riso em termos de adquirir uma autoconsciência própria refletindo falta de educação e falta de visão. Na carta que ela deixa na sua fuga diz: “Rirás quando souberes que fugi, e eu não posso deixar de rir também ao pensar na tua surpresa quando amanhã de manhã deres por minha falta” (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 237-238). De acordo com Casal, a carta não expressa arrependimento nem sensibilidade para a dimensão moral do que ela está fazendo. Lydia não está sequer consciente do que seu comportamento possa causar problemas ou decepcionar sua família.

Finalmente, fora de ser uma indicação da inconsistência social sobre o lugar da mulher e os problemas resultantes da falta de educação feminina, o riso em *Orgulho e Preconceito* tem uma associação com a sexualidade feminina. Em outras palavras, o contraste entre o riso de Lizzy e Lydia indica sua percepção sobre sexualidade. Como Casal observa, o riso de Lydia reflete sua sexualidade galopante, isto porque para ela o riso é uma maneira de flertar com um homem para seduzi-lo (2001, p. 03). A carta que deixa ao fugir com Wickham exibe o prazer em estar casada:

“Não precisa escrever para Longbourn para comunicar minha partida, se não te apetecer, pois isso tornará apenas maior a surpresa quando eu própria lhes escrever e assinar meu nome: Lydia Wickham. Há de ser uma boa piada. Quase não consigo escrever, de tanto rir” (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 238)

Ser ‘Lydia Wickham’ dá a ela grande prazer e reflete isso vividamente através do deleite do riso. Embora o riso de Elizabeth envolver instâncias sexuais, a dela não é vulgar como de sua irmã. Nardin observa que as excessivas reações ao Sr. Darcy indicam atração sexual entre eles (1973, p. 08). A crítica também adiciona que Elizabeth descreve Darcy e Wickham de maneira diferente, uma vez que repetidamente usa o adjetivo ‘terno’ e ‘gentil’ ao descrever Wickham, o que revelaria que ela não encontra atrativo sexual nele, e, por outro lado Darcy é caracteristicamente ‘firme’ o que seria um sinal de interesse sexual (idem, p. 8). Acrescenta-se a isso a importância do sorriso de Darcy ao riso de Lizzy o que indicaria prazer de ambos em estarem em companhia um do outro, e com isso no final do romance Austen faz os dois se casarem porque, como Mary Evans observa, Austen não aprova união sexual entre um homem e uma mulher fora do casamento, apesar de ter uma visão crítica sobre os credos do seu tempo que forçavam o matrimônio da mulher como garantia de futuro (1987, p. 75).

Tal qual o riso é concebido há uma pequena diferença entre o papel do riso em *Emma* e em *Orgulho e Preconceito*. Isto porque em *Emma* o riso é usado com o intuito de direcionar a atenção do leitor para a auto-ilusão, auto-engano de Emma. Portanto, o riso em *Emma* é quase ironia desde que a heroína ri dela e dos outros enquanto os próprios leitores estão rindo dela. Devido à sua esnobez, Emma ri de todo mundo, aparentemente para provocá-los. Ao imitar a Sra Bates ou humilhar Robert Martin, o leitor ri dela, de Emma. Assim como Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, Emma também descobre o poder do riso no fim do romance. Assim, o riso é empregado através

das obras de Austen para refletir o progresso de suas personagens heroínas em termos de ganho de identidade.

O PAPEL DA IRONIA

A expressão da identidade feminina nos romances de Austen não é somente atingido pelo humor e pela comédia mas, é estabelecido também por uma visão irônica na qual Austen critica o lugar secundário da mulher na sociedade. As convenções diárias e requisitos sociais do tempo de Austen subestima o poder feminino que a escritora satiriza com sua talentosa linguagem irônica. Desse modo os leitores são provocados a pensar sobre as atitudes da mulher do século XVIII inglês.

Mary Evans diz que a visão de Austen do gênero dinâmico na sociedade é uma tese consistente no princípio da igualdade moral entre os sexos onde homens e mulheres devem agir de acordo com os mesmos valores, e que o mal comportamento de um dos sexos não é desculpa ou razão pelo mal comportamento do outro (1987, p. 44).

Uma vez que Austen reflete suas idéias ironicamente, ela é considerada uma escritora difícil. Nicholas Marsh descreve o estilo da escritora como uma teia de significados alternativos em torno da sua visão. Independentemente das palavras que usa na página, elas repetidamente implicam em diferentes significados para o leitor (1998, p.198).

O que compõe o estilo irônico de Austen é o seu olho crítico sobre as regularidades sociais da época. Ao falar sobre a visão irônica, é crucial identificar o que ironia significa. Novamente, Marsh define *ironia* como o seguinte:

Ironia existe onde há dois ou mais significados relatados ou atitudes a serem entendidas pelo o que está escrito no texto. Esses dois significados podem ser contraditórios um ao outro; ainda o texto não apenas sugere dois significados, mas também sugere que ambos podem ter validade. A ironia é a relação entre esses dois diferentes significados e atitudes numa obra de literatura (1998, p. 198).

Como resultado, a linguagem irônica tem voz dupla. Austen gera essa dupla-voz irônica com a ajuda de dois métodos relacionados: *focalização* e *narração*; mostrando e contando respectivamente. Tanto em *Emma* quanto em *Orgulho e Preconceito*, Austen emprega esses dois métodos de organização artística com o

objetivo de criar a mais apropriada visão irônica na qual quer refletir o ponto de vista da mulher na sociedade.

Orgulho e Preconceito revela pontos de vista conflitantes da mulher na sociedade e propõe uma luta das mulheres para obtenção de identidade própria. Com o intuito de refletir suas idéias, Austen cuidadosamente designa o modo narrativo para sua obra, dessa forma a focalização cria a ‘impressão’ nos leitores com a ajuda dos personagens. A escritora revela ainda mais do que é esperado através das conversas nas suas obras como podemos ver o seguinte diálogo:

—Estou persuadido de que o Sr. Bingley terá todo o prazer em vê-la; e vou aproveitar o ensejo para lhe enviar, por seu intermédio, algumas linhas em que asseguro o meu pleno consentimento quanto a seu casamento com aquela das minhas filhas que mais o agrada; não posso, não entanto, deixar de incluir uma palavrinha em favor da pequena Lizzy.

—Espero que não faça tal coisa. Lizzy não é melhor que as outras. Não é nem mais bonita que Jane, nem tão alegre quanto Lydia, apesar de o senhor lhe dar sempre a preferência.

—Nenhuma delas é especialmente dotada – replicou ele. —São todas umas tolas e ignorantes, como a maioria das moças; Lizzy no entanto, tem uma vivacidade que as outras irmãs não têm (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 14-15).

Um leitor atento pode notar que Elizabeth é a filha preferida do pai uma vez que compartilha das mesmas idéias sobre o casamento. E Lydia é a favorita da mãe porque a percepção de casamento de ambas é a mesma.

Pam Morris declara que no capítulo IV onde discursam no parágrafo, há a divisão de ‘dois falantes’ e ‘duas visões’. É a voz do narrador que fala mas o leitor vê através dos olhos de Elizabeth:

Elizabeth ouvia-a em silêncio, mas não ficou convencida. O comportamento delas no baile não correspondia exatamente àquele que seria de esperar de alguém que desejasse agradar. Dotada de um sentido de observação mais vivo e de um temperamento menos dócil do que a irmã, além de um espírito crítico impessoal demais para deixar arrastar por simpatias, ela sentia-se pouco disposta a acolhê-las de braços abertos (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 22).

O que vemos acima é Elizabeth como foco de Austen como narrador. A razão para usar um personagem como ‘foco’ é aumentar a simpatia do leitor para criar envolvimento na estória.

Igualmente em *Emma* o maior foco da narração é nas percepções de Emma. A escolha das palavras da personagem e pontos de vista fazem o romance irônico.

Castellanos alega que a voz de Emma é a mais próxima da voz narrativa que a de qualquer outro personagem. Ironicamente, o personagem mais frequentemente ‘gargalhado’ pelo narrador é também Emma através da qual a maioria das suas ações são vistas através de seus olhos (1994, p. 190).

Além disso, pode-se observar que Austen utiliza uma linguagem muito divertidamente. Ela não somente emprega diferentes técnicas de narrativa como também escolhe seu vocabulário delicadamente com o intuito de estabelecer uma visão irônica. Mesmo na primeira página de *Orgulho e Preconceito* um jogo irônico de palavras pode ser observado:

— Senhor Bennet, como pode insultar assim suas filhas? O senhor tem o prazer de irritar-me. Não tem nenhuma compaixão por meus pobres nervos. — Está muito enganada, minha querida. Tenho o maior respeito por seus nervos. São meus velhos amigos. É com consideração que a ouço menciona-los há vinte anos pelo menos (2006, p. 15).

A conversa sobre os nervos da Sra. Bennet deve ser interpretada que o Sr. Bennet se importa com eles. Por outro lado, pode-se concluir que as palavras do senhor Bennet sobre a esposa podem significar que ela tem repetidamente reclamado sobre os nervos desde que se casou, e a menção dos nervos a todo momento não é somente ridículo e engraçado mas também cansativo para o Sr. Bennet. Conseqüentemente, fica claro que o jogo de manipular as palavras com diferentes significados é um instrumento de Austen para tomar a atenção dos leitores. Marsh faz um comentário sobre a função desse tipo de ironia: “Austen não nos conta uma visão única, ela nos dá várias visões diferentes, que freqüentemente parecem contraditórias e nos faz pensar sobre eles sem querer resolvê-los” (1998, p. 204). Acrescentando-se a isso que Austen narra suas histórias de vários pontos de vista, o que sugere que tem múltiplas visões em sua obra, o que transmite uma mensagem de identidade feminina. A primeira sentença de *Orgulho e Preconceito* revela um credo social: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro na posse de uma bela fortuna deve estar necessitando de uma esposa” (2006, p. 13). Ou seja, um homem rico é o que se espera do casamento. Contudo, a sentença reflete ambas visões, da sociedade e de Austen através de atitude irônica. Igualmente Pam Morris declara:

As asserções abertas ironicamente reservam o que certamente será o impulso dirigido na narrativa há uma voz que diz que existe uma pitada de ironia escura na sugestão de que

qualquer homem é imediatamente considerado pelas famílias da vizinhança como direito de propriedade de uma das suas filhas. Outra voz menos complacente diz que na realidade, apenas a uma mulher ‘apropriada’ há a esperança de adquirir um marido rico (1995, p. 33).

Como resultado, pode-se concluir que Austen lida ironicamente com os ‘tabus’ da sua época que considera o lugar da mulher como secundário na sociedade. Igualmente, John Odmark descreve o estilo irônico de Austen e afirma que:

A base da ironia de Austen é geralmente exibida para ser o conflito de normas e valores no mundo retratado, o contraste entre os valores do autor e aqueles no mundinho do vilarejo onde mora, ou a combinação dessas possibilidades...como uma regra a ironia na ficção de Jane Austen é definida primeiramente em termos de conteúdo (1983, p. 01).

O casamento é seu tema preferido, devido a sua instituição e conflito nos tempos de Austen. A escritora questiona a necessidade do casamento e conclui que a visão da sociedade sobre o casamento desvaloriza a identidade feminina. Isto porque na época de Austen, a única maneira de segurança financeira para a mulher era casar-se com um marido rico. Em ambos, *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, o tema casamento é empregado a revelar a dependência econômica da mulher. Igualmente, Morris declara que numa sociedade onde a única possibilidade de circulação na vida de uma mulher é através do casamento, em uma ‘carreira’, escolher um parceiro na vida é tão sério como a escolha de um parceiro de negócios (1995, p. 52). Contudo, Austen critica esse credo em *Orgulho e Preconceito* com a ajuda da recusa de Elizabeth à proposta de casamento do Sr. Collins. Elizabeth rejeita-o porque não possui sentimento nenhum por ele. Está claro que a negação de Elizabeth faz dela uma moça corajosa na visão dos leitores; contudo, a mãe adverte Lizzy devido a seu comportamento:

Mas ouve o que te digo, Lizzy: se estás decidida a continuar recusando desse modo todos os pedidos de casamento, acabarás por nunca arranjar um marido...e não faço idéia de quem irá sustentar-te depois da morte de teu pai. Não contes comigo, desde já te previno. A partir de hoje deixaste de existir para mim (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 103).

Além disso, os casais em *Orgulho e Preconceito*, podem ser categorizados como casais de casamento românticos e casais de casamento materiais. A fim de divulgar a disparidade entre os padrões matrimoniais da época e o verdadeiro espírito do casamento, Austen gera esse dois tipos de casais. “Elizabeth e Darcy” e “Jane e Bingley” são os casais felizes no romance. Eles estabelecem seus casamentos não

somente riqueza e status , mas também em amor e respeito. Morris observa que com a ajuda desses casais, Austen ironicamente envolve o último objetivo do casamento. Nos seus casamentos, o amor romântico é representado como uma mágica transformação nas vidas dos heróis e heroínas. Em outras palavras, no casamento deles, a autoridade familiar, o status social e econômico são apoiados pelo romance (1995, p. 55). Podemos concluir que o casamento para ambas, Lizzy e Jane torna-se de alinhamento material a uma maneira de expressar seus desejos e feminilidade. Por outro lado, os casamentos de “Charlotte e Sr. Collins” e de “Lydia e Wickham” são devido a razões financeiras. A riqueza existente do Sr. Collins o faz um partido apropriado a Charlotte. Nos diálogos de Elizabeth depois do casamento ela diz as razões claras para tal casamento:

Como deves saber, não sou uma romântica. Nunca o fui. Apenas desejo um lar confortável; e, considerando o caráter do Sr. Collins, as suas relações e situação na vida, estou convencida de que as perspectivas que se me oferecem de vir a ser feliz com ele são tantas quanto as da maioria das mulheres ao darem esse passo (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 113).

É claro que as palavras de Charlotte resumem a crença de Austen sobre seu tempo e as razões de se casar. No século XVIII a sociedade de classe média, para Charlotte e muitas outras garotas, se um homem tivesse tais agradáveis qualidades, esperava-se que a mulher fosse feliz com ele. Contudo, Elizabeth era totalmente contra a forma como Charlotte encara o casamento. Ela acredita que se casar com um homem como o Sr. Collins que é “conceituado, pomposo, intolerante e bobo” em questão de se sentir segura no futuro degrada o auto-respeito à mulher:

Ela sempre sentira que as idéias de Charlotte não correspondiam exatamente às suas, mas nunca supusera que, uma vez perante a realidade, ela fosse capaz de sacrificar os sentimentos considerações de ordem material. Charlotte, como esposa do Sr. Collins, oferecia-lhe uma imagem extremamente humilhante! (*Orgulho e Preconceito*, 2006, p. 114).

Elizabeth mostra que a base do casamento para Charlotte é orientado somente pela riqueza material, o que desvaloriza a natureza do amor no casamento. Assim, quando Charlotte casa com o Sr. Collins ganha uma “vantagem”, e Elizabeth vê seu comportamento como uma humilhação à sua própria dignidade. Igualmente, o casamento de Lydia e Wickham é material porque é estabelecido em recebimento de benefícios. Embora tenham fugido, Wickham não mostra interesse nenhum em casar

com Lydia. Na verdade Darcy o convence a casar com Lydia dando a ele uma certa quantia de dinheiro que é suficiente para pagar todos os seus débitos. Para Lydia a única coisa que importa é que ela consiga se casar antes de todas as outras irmãs mais velhas e por esse feito ela se sente orgulhosa de si mesmo. Já em *Emma*, Austen não usa casais como os dois mencionados acima para criticar a sociedade em tais casamentos. Segundo Craik (1966) não há casamentos comicamente inconsistentes em *Emma*, uma vez que os casais dessa obra parecem ser felizes, porém a visão irônica de Austen sobre a percepção do casamento é revelada através das palavras de Emma. Nos tempos da escritora o casamento era um símbolo de status e bens materiais, assim, encontrar uma combinação apropriada era meta para muitas jovens senhoritas. Emma ainda no começo do romance rejeita o matrimônio uma vez que se considera uma garota independente financeiramente:

_Fico admirada, senhorita Woodhouse, pelo fato de a senhorita ainda não ter se casado e nem estar para se casar, encantadora como é!

Emma riu e replicou:

_Meu encanto Harriet, não é o suficiente para induzir alguém a se casar comigo. Eu também posso achar outras pessoas encantadoras...até mesmo uma pessoa, mas nada significa. Não pretendo me casar agora e, aliás, não tenho a mínima intenção de me casar algum dia.

_Ah! A senhorita diz isso por dizer. Não posso acreditar.

_Eu teria que encontrar alguém muito superior a todos os cavalheiros que conheci até agora, para ser tentada... Não há porque me sentir tentada, não existe a menor possibilidade do casamento fazer-me mudar para melhor. Se eu tivesse de me casar, sei que me arrependeria.

_Meu Deus! É tão esquisito ouvir uma mulher falar assim!

_Não recebi nenhum dos costumeiros incentivos que levam as mulheres a se casarem. Se eu me apaixonasse, é claro, seria outra coisa! Mas nunca me apaixonei. Não é meu jeito, não está na minha natureza e não creio que isso um dia possa acontecer. E, sem amor, tenho certeza de que seria loucura mudar uma situação como a minha. Não preciso de fortuna, não preciso de trabalho, não preciso de importância. Acredito que pouquíssimas mulheres casadas são mais donas de suas casas do que eu sou dona de Hartfield (*Emma*, 2006, p. 83-84).

Os pensamentos de Emma revelam que Austen critica a visão social do casamento. Emma afirma que não precisa se casar porque tem fortuna suficiente para viver. Diz ainda que só se casaria se se apaixonasse, o que é o oposto de Harriet, que representa a visão convencional da mulher da época sobre o casamento. A confissão de Emma é chocante para a amiga que não está acostumada como essa visão independente sobre a mulher, já que para Harriet o que se espera de uma jovem senhorita é encontrar bons alvos masculinos para lhes assegurar o futuro. O contraste entre as diferentes

percepções sobre o casamento entre as amigas cria um ambiente de ironia para criticar a sociedade.

Entretanto as idéias independentes de Emma em relação ao casamento são devido ao seu alto padrão social. Emma não sofre de ansiedade financeira porque é a herdeira de Highbury. Posição social não é um problema para ela por pertencer a uma família nobre. Ela tem poder fora e dentro da casa, o que a faz pensar que pode manipular as pessoas e tentar controlar suas vidas.

Concluindo, Austen satiriza a classe alta por ‘preocupações’ que degradam a identidade feminina. Evans observa que a percepção da escritora sobre a visão da sociedade demonstra uma compreensão do processo através do qual a vida social é mantida, sustentada. Em seus romances, Austen questiona a natureza da hierarquia social e medida do poder social (1987, p. 66). Em outras palavras, Austen enfatiza nas suas obras é que o poder feminino, a voz feminina deve ser levada em consideração para construir-se sociedades saudáveis.

CONCLUSÃO:

Este estudo teve por objetivo analisar os elementos utilizados por Jane Austen de modo a refletir a importância da mulher obter uma voz que fosse ouvida na sociedade. A fim de mostrar como a escritora inglesa incide no valor de se ter uma ‘voz feminina autônoma’ para lidar com os temas da época numa linguagem satírica e pela criação de heroínas ‘independentes’, estudamos as obras *Emma* e *Orgulho e Preconceito*. Estudar os dois romances revelou que a abordagem que Austen utilizou ao produzir suas obras, juntamente com sua própria filosofia de vida, culmina na criação de um novo termo para a época: o feminismo. Ou seja, ela criticou nos dois livros, a visão de desprezo da individualidade da mulher na sociedade em que vivia.

Austen possui um estilo de produzir seus romances que difere dos seus contemporâneos, uma vez que reflete heroínas com ‘identidade’ no meio em que vivem. A escritora inglesa cuidadosamente projeta suas heroínas como jovens moças independentes, inteligentes, alegres e encantadoras. Embora suas heroínas tenham

ilusões na vida, elas podem claramente expressar seus pontos de vista sobre os valores da sociedade.

A estrutura do romance de Austen satiriza as convenções diárias da sua época, ou seja, os romances de Austen são “sátiras sociais”, que enfatizam como a dominação masculina subestima o poder feminino. Além disso, apontam para o ridículo das exigências sociais e da inconsistência das leis sobre os direitos da mulher

Primeiramente, como uma comédia é concebida, os absurdos das convenções diárias sobre a mulher são refletidas com a ajuda de caracteres ‘tolos’ e ‘palhaços’. Em ambos romances os destinados ‘tolos’ atuam em acordo com essa convenção sem questionamentos. Assim, a artificialidade de seus atos e irracionalidade das suas conversas criam naturalmente comédia. Criar personagens insensatos que tenham maneiras impróprias de comportamento é uma forma de criticar a sociedade. Por outro lado, ‘palhaços’ são diferentes de ‘tolos’ porque eles são apresentados como pessoas humoradas e espirituosas, cujo discurso leva a um questionamento das questões sociais na cabeça dos leitores.

O elemento comédia é usado por Austen para criar um ambiente no qual a identidade feminina é encorajada a ‘falar’. A escritora inglesa constrói heroínas independentes que são conscientes do poder de fazer rir. Nas duas obras em estudo, as heroínas riem quando querem em reação à percepção da sociedade sobre o lugar que a mulher da época ocupa. Ainda podemos dizer que o riso nos trabalhos de Austen simboliza o poder da voz feminina, as heroínas da autora expressam suas próprias identidades através do riso. Em ambas as obras, o riso dá ainda uma dica sobre o nível de educação das mulheres, quando Austen cria duas irmãs Elizabeth e Lydia em *Orgulho e Preconceito* que riem de maneira diferente, é óbvio que a escritora está diferenciando o riso como resultado de uma reação contra o patriarcalismo do riso por puro prazer. Enquanto o riso de Elizabeth busca a autonomia da identidade, que é o resultado do seu nível de educação e maturidade, o riso de Lydia é consequência da satisfação dos seus desejos. Como resultado, vemos que o riso nas obras de Austen tem conexão com a sexualidade feminina, contudo, é importante dizer que o riso em Elizabeth não é sexualmente vulgar como o riso de Lydia.

Jane Austen critica os problemas da época com a ajuda do seu irônico ponto de vista. Podemos dizer que o tema favorito com o qual Austen lida em todas as suas obras é o casamento, onde a principal questão são as dificuldades econômicas da mulher que a força a casar para garantir seu futuro. Ou seja, as mulheres são economicamente dependentes dos homens, sejam seus pais, maridos ou irmãos, além de terem um restrito número de trabalhos que possam fazer. Assim, elas precisam se casar para terem apoio financeiro para continuar suas vidas.

A percepção da sociedade sobre o casamento é apresentado através das comparações entre o casamento romântico e o material nos dois romances em estudo. Austen aprecia o casamento romântico no qual o amor e respeito carregam mais importância do que o dinheiro. Os casamentos que são fruto de considerações econômicas, ela abertamente critica apontando seus problemas e focando nas dificuldades da mulher face a heranças e status social.

Ainda de maneira satírica Jane Austen cria personagens apropriados para refletirem os problemas que concernem à questão da identidade feminina na sociedade. Em outras palavras, Austen examina as necessidades e valores da sociedade e os julga logicamente com a ajuda das suas personagens. Além de Austen focar na individualidade da mulher ao criar heroínas independentes e espirituosas como Elizabeth e Emma, ambas são consideradas não convencionais considerando-se seu ponto de vista sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade da época, o que é dizer que tanto Emma quanto Elizabeth são capazes de expressar seus sentimentos e pensamentos diferentemente das moças normais do seu tempo, em suma, elas refletem seu poder feminino na sociedade. No entanto ambas senhoritas sofrem com julgamentos na obra, e os erros de Elizabeth e de Emma são cometidos devido ao seu orgulho e imaginação fértil, respectivamente. Ainda que no final da obra elas começam a desenvolver mais consciência e maturidade com a ajuda dos seus respectivos pares amorosos. O emprego apropriado de Austen de heróis como maridos para Elizabeth e Emma desempenha um papel de suma relevância na reflexão da voz feminina por acreditar que o balanço entre os gêneros é o segredo de uma sociedade saudável. Os heróis masculinos de Austen, Darcy e Knightley simbolizam os homens que apreciam as mulheres quem têm auto-estima. Como *gentleman* que representam, agem

diferentemente dos homens tradicionais não valorizando dinheiro ou classe social mais do que idéias, o que é característica das suas respectivas esposas. E para contrapor a esses personagens cria anti-heróis como Wickham e Frank Churchill, e estes contribuem de forma importante no romance para criar uma comparação entre os homens que não valorizam o papel da mulher. Em adição a esses heróis, Austen cria heroínas menores tal com Charlotte e Jane em *Orgulho e Preconceito* e Harriet e Jane Fairfax em *Emma*, e a essas personagens também ajudam Austen na exploração da identidade feminina, especialmente a visão de Charlotte sobre o casamento é importante na reflexão dos problemas da mulher face a sociedade. Apesar de Jane Fairfax ter a mesma educação e talentos de Emma, é socialmente menos aceita, o que serve para esclarecer o desnível de julgamento de crenças e valores da sociedade da época.

Pra finalizar, embora Jane Austen tenha vivido muito antes da descoberta da abordagem feminista na crítica literária, fica claro que ela desenvolveu idéias bastante revolucionárias sobre a representação da voz feminina. Em *Emma* e em *Orgulho e Preconceito*, Austen reflete seus pensamentos sobre o lugar e ponto de vista da mulher que são diferentes do que apregoa as convenções sociais da sua época. Austen enfatiza ainda que o que é necessário é o equilíbrio entre os gêneros na sociedade para que haja harmonia. Ela encoraja a mulher a ganhar força para se fazer ouvir a voz feminina numa sociedade dirigida pelo patriarcalismo. Em outras palavras, o que Jane Austen aponta é a importância da igualdade entre gêneros ainda no século XVIII, o que é considerado algo revolucionário para os valores de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane, **Emma**. 2.a Edição. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller, 2006.

_____, **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

CASAL, Elvira. *Laughing at Mr. Darcy: Wit and Sexuality in Pride and Prejudice*. JASNA: Persuasions on-line. Vol 22: n. 1 (2001).

www.jasna.org/persuasions/online/vol22n1/index.html.

CASTELLANOS, Gabriella. **Laughter, War and Feminism – Elements of Carnival in Three of Jane Austen’s Novels**. New York: Peter Lang Publishing, 1994.

CRAIK, W. A. **Jane Austen**. London: Methuen, 1966.

EVANS, Mary. **Jane Austen and the State**. New York: Tavistock Publications, 1987.

JONES, Vivien. **How to study Jane Austen**. London: The Macmillan Press, 1997.

KAPLAN, Deborah. **Jane Austen among Women**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.

MARSH, Nicholas. **Jane Austen: The Novels**. New York: St. Martin's Press, 1998.

MORRIS, Pam. **Reading Pride and Prejudice. Approaching Literature: The Realist Novel**. London: Ed. Dennis Walder, 1995.

MUDRICK, Marvin. **Irony as a Form. Jane Austen: Emma**. London: Macmillan, 1968.

NARDIN, Jane. **Those Elegant Decorums**. New York: University Press, 1973.

ODMARK, John. **An Understanding of Jane Austen's Novels**. Worcester: Billing and Son Ltd., 1983.

SHOWALTER, Elaine. **A Literature of their Own: British Women Novelists from Brönte to Lessing**. London: Princeton University Press, 1982.

STEEVES, Harrison R. **Before Jane Austen**. London: George Allen & Unwin Ltd., 1966.